



**Memórias de um corpo negro em trânsito: a trajetória de
uma mulher negra da zona rural até o seu ingresso na
UFRB - Campus Santo Amaro, Bahia.**

Maria José de Jesus

**Santo Amaro, Bahia.
2023**





Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

MARIA JOSÉ DE JESUS

**MEMÓRIAS DE UM CORPO NEGRO EM TRÂNSITO: A
TRAJETÓRIA DE UMA MULHER NEGRA DA ZONA RURAL ATÉ O
SEU INGRESSO NA UFRB - CAMPUS SANTO AMARO, BAHIA.**

Santo Amaro, Bahia.
2023

MARIA JOSÉ DE JESUS

Memorial

**MEMÓRIAS DE UM CORPO NEGRO EM TRÂNSITO: A
TRAJETÓRIA DE UMA MULHER NEGRA DA ZONA RURAL ATÉ O
SEU INGRESSO NA UFRB - CAMPUS SANTO AMARO, BAHIA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Superior Tecnológico em Artes do Espetáculo do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito para a obtenção do grau de Tecnóloga em Artes do Espetáculo.

**Santo Amaro, Bahia.
2023**

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos primeiramente serão destinados a Deus, por quem sou grata pela vida, por quem dedico toda a minha trajetória, e o agradeço muito pelas minhas conquistas, pois tudo que tenho provém dele. Estendo meus agradecimentos também aos meus irmãos e irmãs, à minha mãe e a todas as pessoas que acreditaram que esse sonho se tornaria realidade. Agradeço aos professores Ricardo Cardoso e Rubens da Cunha, pelo trabalho de orientação e coorientação respectivamente. Agradeço a Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE) pelo suporte e apoio financeiro e psicológico durante toda a minha trajetória na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), pois foi extremamente crucial para a minha manutenção na universidade durante todo esse período. Agradeço aos técnicos do Núcleo Administrativo que, por muitas vezes, me atenderam e me ajudaram a resolver minhas dúvidas e questões, agradeço aos funcionários terceirizados que tanto trabalharam para a manutenção da nossa segurança e da segurança do espaço.

Agradeço ainda ao corpo docente que muito contribuiu para o meu processo de aprendizado e formação como pessoa e como profissional, desde a minha primeira graduação como Bacharela em Cultura e agora em Tecnologias em Artes do Espetáculo. Incluo aqui aos meus agradecimentos o Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT) e a instituição como um todo. Muito obrigada por agregar tanto na minha vida, fico feliz de ter feito parte deste projeto lindo e necessário que é a universidade pública, que garante um ensino gratuito e de qualidade.

RESUMO

O presente memorial tem por objetivo demonstrar o processo de construção de um projeto artístico expositivo como trabalho de conclusão de curso do componente “Obra de Convergência Artística”, desenvolvido no curso de Tecnologias de Artes do Espetáculo do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Este trabalho se situa no campo das artes cênicas e teve como foco o diálogo entre a cenografia e a expografia, com o intuito de narrar resumidamente a minha trajetória pessoal como mulher negra, desde a minha infância no sul baiano até o meu ingresso na universidade pública. O tema principal da obra busca contribuir para uma discussão étnica e racial tão presente hoje na sociedade, demonstrando como o acesso à educação é fundamental para a tomada de consciência e o desenvolvimento de um senso crítico. De forma concisa, este memorial propõe igualmente uma discussão sobre a questão capilar da população preta que sofre discriminação, devido à textura dos cabelos. A questão capilar tem sido considerada um dos traços que marcam socialmente o indivíduo negro na sociedade e a bibliografia especializada aponta que tais discriminações também decorrem das características físicas da cor da sua pele, sendo um fator preponderante e com frequência alvo de violência racial. Nesse contexto, a população preta tem que lidar cotidianamente com atos racistas e olhares desconfiados da sociedade que não se conforma em dividir os espaços coletivos, em geral, com pessoas que possuem a pele preta, vendo-as de forma ameaçadora, como se a sua presença trouxesse para esses indivíduos brancos algum tipo de perigo e desconforto. Esses comportamentos foram introduzidos à sociedade brasileira ainda no período do colonialismo e reforçados ao longo da história do país que, embora seja considerada uma nação miscigenada, ainda é marcada por condutas racistas de pessoas que se sentem no direito de praticar o segregacionismo no cotidiano da sociedade. Para conceber e desenvolver esta temática em uma obra artística expositiva, as metodologias adotadas têm como base fontes bibliográficas especializadas tanto no campo da memória, quanto no campo das relações étnico raciais. O conjunto de material expositivo foi organizado do seguinte modo: registros fotográficos e escrita de relatos pessoais; gravação de áudios de alguns ambientes e sons específicos; e de registros fotográficos de lugares que marcaram essa minha trajetória. Além disso, foi realizada a confecção de maquetes físicas e virtuais dos espaços que pudessem abrigar essa montagem expositiva.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias; Identidade Racial; Cabelo; Sul da Bahia; UFRB.

ABSTRACT

The present memorial aims to demonstrate the process of construction of an exhibition artistic project as a course conclusion work of the component "Work of Artistic Convergence", developed in the course of Technologies of Performing Arts of the Center for Culture, Languages and Applied Technologies (CECULT), of the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). This work is situated in the field of performing arts and focused on the dialogue between scenography and expography, in order to briefly narrate my personal trajectory as a black woman, from my childhood in the south of Bahia to my entry into the public university. The main theme of the work seeks to contribute to an ethnic and racial discussion so present today in society, demonstrating how access to education is fundamental for awareness and the development of a critical sense. In a concise way, this memorial also proposes a discussion on the capillary issue of the black population that suffers discrimination due to the texture of the hair. The capillary issue has been considered one of the traits that socially mark the black individual in society and the specialized bibliography points out that such discriminations also result from the physical characteristics of the color of their skin, being a preponderant factor and often the target of racial violence. In this context, the black population has to deal daily with racist acts and suspicious looks of society that does not conform to sharing the collective spaces, in general, with people who have black skin, seeing them in a threatening way, as if their presence brought to these white individuals some kind of danger and discomfort. These behaviors were introduced to Brazilian society still in the period of colonialism and reinforced throughout the history of the country that, although it is considered a mixed nation, is still marked by racist behaviors of people who feel entitled to practice segregationist in the daily life of society. To conceive and develop this theme in an expository artistic work, the methodologies adopted are based on specialized bibliographic sources both in the field of memory and in the field of racial ethnic relations. The set of exhibition material was organized as follows: photographic records and writing of personal accounts; audio recording of some specific environments and sounds; and photographic records of places that marked my trajectory. In addition, physical and virtual models of the spaces that could house this exhibition assembly were made.

KEYWORDS: *Memories; Racial Identity; Hair; Southern Bahia; UFRB.*

SUMÁRIO

Memórias de bordo	7
1. Percursos e Trajetos: um relato autobiográfico	11
1.1 Das Mudanças “Trazendo comigo o dom de meus antepassados, eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado”	17
2. “Meu orgulho o ofende?”: Identidade racial e a questão capilar do negro	20
3. “Ouros escondidos em mim”: Apresentação e descrição do projeto artístico	27
Reflexões sobre o fechamento de um ciclo	34
Referências	36

Memórias de bordo

O presente memorial tem por objetivo demonstrar o processo de construção de um projeto expositivo como trabalho de conclusão de curso. Este trabalho se situa no campo das artes do espetáculo, tendo como foco a área de cenografia em seu diálogo com a expografia.

Os indivíduos, desde sempre, encontraram formas de marcar os espaços com suas memórias, sejam memórias individuais ou coletivas. Tais memórias foram expressas, primeiramente, nas paredes das cavernas. Ao longo dos tempos, as formas humanas de se expressar também foram se modificando, sendo cada vez mais aprimoradas através de músicas, poemas, cartas, fotografias, entre tantos outros modos possíveis de representação e expressão dos sentidos e dos sentimentos. Nesse contexto, a memória sempre fez parte da formação e da construção de cada indivíduo.

Memórias. Memorizar o tempo, o espaço e a história de uma determinada época não muito distante, faz parte da realidade na vida de muitas pessoas. Relatadas através da oralidade e da escrita, ou demonstradas através de registros fotográficos, as memórias nos remetem ao passado que nos provocam saudades, nostalgias, emoções, aflições, angústias, medos, de sentimentos que podem ser desencadeados através da vivência de tais memórias. Uma investigação sobre a produção da memória pode ser instigante e crucial para a manutenção identitária do indivíduo e da sociedade como um todo. As memórias afetivas, por sua vez, são lembranças e situações que podem nos remeter a momentos felizes ou marcantes de nossas vidas. Elas nascem a partir de fatos que despertam emoções intensas, como o amor, a alegria, a tristeza, e que ficam gravadas em nossa mente de forma indestrutível.

As memórias afetivas são capazes de trazer à tona sensações e sentimentos que experimentamos no passado, podendo ser responsáveis por mudar nosso humor, nosso comportamento e até mesmo a nossa forma de ver o mundo. Elas são também uma fonte inesgotável de aprendizado e de crescimento, permitindo que revivamos experiências e resgatemos importantes momentos de nossa vida. Algumas memórias afetivas estão relacionadas a lugares mais específicos, como a casa na zona rural de minha família, as escolas onde estudei, enfim, de lugares que frequentei na minha infância. Outras memórias afetivas podem estar ligadas a pessoas mais próximas de nossas vidas, tais como nossos pais, avós, tios, irmãos e amigos.

As memórias que nos remetem a momentos felizes ou positivos são importantes para o nosso bem-estar emocional, pois nos ajudam a lembrar momentos de alegria e gratidão. Elas podem ser usadas como uma forma de nos motivar e inspirar a seguir em frente, acreditando sempre em nosso potencial e em nossos sonhos. Por outro lado, as memórias afetivas que nos

trazem emoções negativas, como tristeza, raiva ou decepção, podem ser um pouco mais difíceis de lidar. Nesses casos, é importante buscar ajuda e suporte emocional para lidar com o impacto dessas memórias em nossa vida atual.

Em suma, as memórias afetivas são um elemento fundamental em nossa vida que nos permite reviver alegrias, aprender com momentos difíceis e encontrar conexão com as pessoas e lugares que mais amamos. Elas representam uma parte importante de nossa história e pode ser considerada uma fonte valiosa de inspiração e crescimento emocional.

A preservação da memória possui também o papel de manter a história viva, evitando assim o seu apagamento ao longo dos séculos, tendo como propósito a conscientização da humanidade, de modo que tais fatos não venham a se repetir. Assim como já citado acima, uma das muitas formas de transmissão das memórias pode ser através da literatura e, como exemplo, temos a escritora Conceição Evaristo¹, que tem uma vasta produção literária voltada para este campo, trazendo ao leitor uma reflexão por meio dos seus muitos poemas. Na obra *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2017) ela traz o poema “Pedra, pau, espinho e grade”, segue abaixo na íntegra:

“No meio do caminho tinha uma pedra”,
 mas a ousada esperança
 de quem marcha cordilheiras
 triturando todas as pedras
 da primeira à derradeira
 de quem banha a vida toda
 no unguento da coragem
 e da luta cotidiana
 faz do sumo beberagem
 topa a pedra-pesadelo
 é ali que faz parada
 para o salto e não o recuo
 não estanca os seus sonhos
 lá no fundo da memória,
 pedra, pau, espinho e grade
 são da vida desafio.
 E se cai, nunca se perdem
 os seus sonhos esparramados
 adubam a vida, multiplicam
 são motivos de viagem.

(EVARISTO, 2017, p.60)

Em seu livro "Becos da Memória", Conceição Evaristo aborda a experiência das mulheres negras no Brasil e a forma como elas são afetadas pelo racismo, machismo e outras formas de opressão. A autora explora a relação entre memória e identidade, argumentando que a

¹Conceição Evaristo é uma escritora brasileira que também aborda a memória em sua obra literária. Essa autora nasceu em Belo Horizonte e é descendente direta de escravos africanos.

memória coletiva é fundamental para a construção de uma identidade positiva para os afro-brasileiros. Evaristo também aborda as memórias traumáticas da escravidão e da pobreza, bem como a importância da solidariedade e da comunidade na luta por justiça social.

Em sua obra "Memórias da Plantação", Grada Kilomba², por sua vez, aborda a memória como uma ferramenta de resistência e reivindicação em relação à história e ao legado da escravidão e do colonialismo, que ainda afetam sobremaneira as comunidades negras ao redor do mundo. Ao explorar o conceito de "memória traumática", essa autora narra às memórias dolorosas e traumáticas que são transmitidas de geração em geração, muitas vezes sem que as pessoas tenham consciência disso. Kilomba acredita que a violência e a opressão colonial deixaram um legado de "trauma histórico" que ainda afeta até os dias de hoje as inúmeras comunidades negras.

Em conjunto, tanto a obra de Grada Kilomba quanto a de Conceição Evaristo, podemos observar em ambas a importância da memória para a compreensão da história e do presente das comunidades negras. Ambas as autoras exploram as memórias traumáticas que são transmitidas como legados imateriais e atentam que é fundamental reconhecer e confrontar tais memórias para que possamos construir um mundo mais justo e igualitário.

Nesse sentido, é possível afirmar que a Universidade tem se caracterizado como um dos muitos espaços capazes de nos fazer resgatar, produzir e compartilhar memórias, nos proporcionando aprendizados, experimentações e rupturas, por vezes pessoais. A questão aqui é abordar a participação da memória e da universidade para o processo de identidade racial, utilizando-me de relatos pessoais, pois a academia possibilita debates acerca da identidade racial, nos fazendo perceber a sociedade em que estamos inseridos. Ser estudante da universidade considerada a mais negra do país, com 84,4% dos discentes autodeclarados pretos e pardos, foi essencial para que eu pudesse ter acesso a muitos conteúdos que não tive na educação básica e, provavelmente, continuaria não tendo se a universidade em que estou inserida fosse composta, majoritariamente, por um corpo discente de brancos.

Debater sobre questões raciais é uma tarefa fundamental para que ocorram mudanças significativas no nosso país, pois apesar de toda a história do período escravocrata, que segundo Djamila Ribeiro (2018), durou quase 400 anos, não muito raro, vemos alguém gritar que é vitimismo quando um negro denuncia o racismo e reivindica políticas públicas. O fato é que, infelizmente, o racismo está muito longe de acabar, pois ele é histórico e está enraizado em todas as camadas da sociedade, adquirindo diversas formas. Por vezes, apresenta-se de modo silencioso, em outras vem disfarçado em piadinhas e outros comentários racistas.

²Grada Kilomba é uma pesquisadora e artista portuguesa de origem africana que trabalha com questões relacionadas à memória, trauma e colonialismo.

Este trabalho terá em seu processo de desenvolvimento um caráter pessoal, baseado na recuperação de memórias afetivas (que se dará cronologicamente ao longo dos anos, até a minha entrada no ensino superior) começando na fase dos meus primeiros anos de vida, enquanto ainda residia na área rural, com minha mãe, meus irmãos, meus tios e avós, que viviam nas proximidades. Passando pela mudança da zona rural à zona urbana, a passagem pelo ensino básico, conflitos no ambiente escolar, histórico de racismo, negação identitária, primeiros indícios de consciência racial, anseios pela entrada na universidade e, finalmente, essa conquista. Além desse período da minha passagem pela universidade, demonstro como a academia foi essencial para a minha tomada definitiva de consciência racial e para meu processo de autoafirmação.

Proponho neste trabalho, portanto, a montagem de uma instalação artística, tendo como foco principal as memórias afetivas, sendo essa uma exposição sensorial que busca despertar na coletividade, ao visitar o ambiente, o uso de todos os sentidos humanos. Demonstrarei brevemente o meu percurso ao longo da vida desde a minha vivência na zona rural, até o acesso ao ensino superior, relatando os meus anseios e dificuldades para estar em uma universidade e como essa conquista e as experiências teóricas proporcionadas foram fundamentais para o meu processo de autoafirmação da minha identidade racial.

A metodologia deste trabalho se deu através de pesquisas bibliográficas, fotografias dos territórios presentes no meu processo de transição das pessoas da minha família e fotografias pessoais que demonstram o meu processo de autodescoberta e aceitação da minha negritude, principalmente do meu cabelo crespo. Além disso, apresento relatos escritos da minha infância expondo as minhas origens e experiências de uma menina nascida na zona rural, no baixo sul da Bahia e gravação de áudios, aquisição de materiais e equipamentos para a montagem do espaço cenográfico para a realização da exposição.

1. Percursos e Trajetos: um relato autobiográfico

*Ainda assim eu me levanto*³

*Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.*

*Minha presença o incomoda?
Por que meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui
Riquezas dignas do grego Midas.*

*Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar;
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.*

*Você não queria me ver quebrada?
Cabeça curvada e olhos para o chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh'alma enfraquecida pela solidão?*

*Meu orgulho o ofende?
Tenho certeza que sim
Porque eu rio como quem possui
Ouros escondidos em mim.*

*Pode me atirar palavras afiadas,
Dilacerar-me com seu olhar,
Você pode me matar em nome do ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.*

*Minha sensualidade incomoda?
Será que você se pergunta
Porquê eu danço como se tivesse
Um diamante onde as coxas se juntam?*

*Da favela, da humilhação imposta pela cor
Eu me levanto
De um passado enraizado na dor
Eu me levanto
Sou um oceano negro, profundo na fé,
Crescendo e expandindo-se como a maré.*

Deixando para trás noites de terror e atrocidade

³Disponível em: <https://www.geledes.org.br/maya-angelou-ainda-assim-eu-me-levanto/> Acesso em: 08 de maio de 2023.

*Eu me levanto
 Em direção a um novo dia de intensa claridade
 Eu me levanto
 Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
 Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.
 E assim, eu me levanto
 Eu me levanto
 Eu me levanto.*

Maya Angelou⁴

A primeira vez que vi esse poema estava lendo o livro “Quem tem medo do feminismo negro?”, de Djamila Ribeiro, e havia um trecho citado no livro. É um poema muito representativo e de demonstração de força e persistência. Falo sempre pra mim mesma que não importa a situação, as batalhas e as provocações que a vida proporciona, eu sempre irei seguir em frente. Se eu cair oito vezes, me levantarei nove ou dez, vou sempre seguir em frente. Falar do meu espaço de pertencimento étnico racial, ainda é muito desafiador, principalmente enquanto mulher negra de pele clara, por que sempre me colocam em meio termo, por não saberem como definir a minha etnia, então me definem como parda, mas quando me autodeclaro como negra, percebo os olhares de insatisfação de pessoas que, por vezes, chegam a retrucar dizendo: “Você não é negra”.

Hoje, essa atitude me irrita muito, pois tive minha negritude negada durante toda a vida e, por não ter o conhecimento que tenho hoje, eu achava normal e até me afirmava como branca. O meu processo de aprendizado, ao longo dos anos, me permitiu entender as questões étnicas raciais no Brasil. Por ser um país miscigenado, resultado de casamentos inter-raciais e violências sexuais no período escravocrata, a população tende a afirmar que não há negros no Brasil e, com isso, sempre negar a história da população preta. No entanto, o meu trajeto até aqui me proporcionou conhecer um pouco sobre a história desses povos no Brasil, bem como me reconhecer como uma mulher negra. É exatamente sobre isso que gostaria de compartilhar neste capítulo.

⁴Maya Angelou é considerada uma figura humana extraordinária das letras norte-americanas, foi porta-voz dos anseios e da revolta dos negros. Parceira de Martin Luther King e de Malcolm X, dedicou-se à militância pelos direitos civis de seu povo por toda a sua vida. Nasceu em Saint Louis, no Missouri, viveu uma infância humilde e repleta de vicissitudes no Sul dos EUA, mas conseguiu se educar e se consagrar em duas causas: o povo preto e a poesia. Viajou pelo seu país fazendo campanhas étnico-raciais e, posteriormente, percorreu também o continente africano, sempre denunciando a injustiça. Artista polivalente, Maya fez teatro, cinema, televisão, dança, escreveu livros de memórias e foi assessora de presidentes, utilizando a poesia como uma arma de luta pela emancipação de seu povo. (<https://www.pensarcontemporaneo.com/maya-angelou-ainda-assim-eu-me-levanto>).



Mapa ilustrativo de Taperoá

Sou natural da cidade de Taperoá, localizada na região do Baixo sul da Bahia⁵, nos meus primeiros anos de vida, morei na zona rural. Próximo à minha casa residia os meus avós e alguns tios. Sou a terceira filha de seis filhos. Iniciei os meus estudos um pouco tarde, aos seis anos, havia duas escolas, mas não eram tão próximas. O acesso não era fácil, principalmente quando chovia, tinha que caminhar por uma estrada que passava pelas plantações de cacau, até chegar à escola. Ambas as escolas ofereciam o ensino até a 4ª série, depois, para continuar os estudos, teríamos que ir todos os dias para um povoado que fica a mais de sete quilômetros de distância (para esse trajeto havia um transporte escolar) ou nos mudar para outra cidade.

O meu irmão mais velho iria cursar a 5ª série e ficaria uma situação difícil para a manutenção dos estudos, além disso, minha mãe buscava emprego, o que estava difícil nas proximidades onde vivíamos. Então, finalizei o meu primeiro ano na escola e, no ano seguinte, nos mudamos para cidade de Gandu, também localizada na região do Baixo sul da Bahia. Agora, nesse novo cenário, continuei os meus estudos, finalizei o ensino fundamental I e segui para o fundamental II. Inicialmente, tudo ocorria bem, já que nunca fui de ter muitas amigas e nem de andar em “panelinhas”. Na verdade, eu tinha uma ou duas amigas, mas na maior parte do tempo eu ficava só, principalmente pelo fato de ser muito tímida, e isso sempre prejudicou a minha inclusão, mas, ainda assim, eu me sentia bem.

A escola era considerada referência no quesito educação para o município, o que gerava uma grande procura e, muitas vezes, a quantidade de alunos matriculados ultrapassava a capacidade da escola. Como resultado, estudávamos em salas lotadas, às vezes até com mais de 40 pessoas. Assim como em outras escolas, é inevitável a ocorrência de conflitos entre os alunos.

⁵Taperoá possui uma área de 410,175 quilômetros quadrados e faz limite com os municípios de Nilo Peçanha, Cairu, Valença, Presidente Tancredo Neves, Teolândia e Wenceslau Guimarães. Taperoá faz parte do Baixo Sul, região que reúne 362. 659 habitantes.

Apesar da dificuldade, tais ocorrências são possíveis de serem controladas, no entanto, no ambiente escolar que eu cursei o fundamental II, as coisas não eram nada fáceis. Era um ambiente hostil, de muitas brigas, xingamentos e desrespeito. O bullying era uma prática comum e a direção não se importava, ainda que algum aluno fosse fazer um relato sobre essa prática de violência, a direção não tomava nenhum posicionamento.

Infelizmente, eu sofri *bullying* durante todo o meu período escolar, na 5^o série, era aquela coisa mais sutil, de risos, zombarias, que eu não sabia bem o que era, nem como identificar. A partir das séries seguintes, as práticas de *bullying* ganharam forma e rostos e, então, eu entendi que o problema estava no fato de eu não ser uma menina padrão, pois a partir desse momento começaram a ser mais específicos, com xingamentos e ofensas de todo tipo, a ponto de falarem que eu parecia com uma macaca. Tratava-se de comentários cruéis, que afetaram muito o meu desenvolvimento escolar, eu sentia frios na barriga quando era hora de ir para a escola e isso também afetou muito a minha autoestima. Eu ficava com vergonha de sair de casa, por não me sentir bonita para estar ali no meio dos outros.

Foi um período muito difícil na minha vida, porque eu não tive nenhum suporte, nem da escola, nem do meio familiar. Não cheguei nem sequer a compartilhar sobre tais fatos desagradáveis ocorridos com a minha mãe, primeiro porque nunca tivemos uma relação de mãe e filha. Percebi desde cedo que eu não podia contar com ela, pois nas vezes em que tentava compartilhar algo pessoal (não especificamente sobre o *bullying*), ela já compartilhava com outras pessoas, além de distorcer tudo e me humilhar socialmente. Segundo porque eu não tive coragem, então acabei lidando com todas essas coisas sozinhas e silenciando a minha dor, o que abalou muito com minha saúde mental.

Ainda nesse período, tive uma amizade tóxica, que me falava coisas horríveis sobre minha aparência, falava do meu desempenho escolar que estava completamente comprometido diante de todos os acontecimentos. Desestimulava-me quando eu falava que tinha um sonho de entrar na universidade. Ela juntamente com outras pessoas, fazia questão de dizer que eu não conseguiria entrar na universidade, pois não era para qualquer um e que eu não iria conseguir, porque, para eles, eu era “burra demais”. Nunca recebi muitos incentivos, também não fui de desabafar com ninguém, pois não tinha com quem conversar e confiar. Quase fui reprovada na 7^o série, devido ao *bullying*, vivia sempre retraída, evitava o máximo falar algo, tentava ser invisível, por acreditar que assim não sofreria tal violência. Por vezes, eu não apresentava os trabalhos escolares, porque eu ficava com vergonha e não queria ser vista e isso quase resultou em minha reprovação.

Os fatos ocorridos na escola eram sempre abafados, sobretudo com a justificativa de não querer “manchar” o nome da escola e sua reputação. Então, as pessoas que não frequentavam essa escola tinham uma visão diferente daqueles que frequentavam. Alguns pais ficavam sabendo de algum ocorrido com seus filhos, mas a escola sempre dava um jeito da situação não sair do controle. Eu, particularmente, não sabia o que fazer. Eu era apenas uma adolescente sem uma rede de apoio e, também, não sabia como me defender, apenas aguentava tudo calada e, por diversas vezes, chorava muito. Os professores na sala nunca intervieram, os demais colegas de turma ficavam rindo, cheguei a um ponto que pensei em desistir de estudar na 7^o série, porque era doloroso demais para mim, além disso, eu estava muito mal psicologicamente e emocionalmente.

Apesar de uma passagem dolorosa pelo ensino fundamental, eu consegui encerrar esse ciclo e chegar ao ensino médio. Em 2010, iniciei o ensino médio, fazendo um curso técnico em Nutrição e Dietética, com duração de 4 anos. Nesse período, pude conhecer algumas pessoas que foram importantes para o meu início de tomada de consciência racial. Além disso, foram fundamentais nos incentivos para ingressar na universidade. Eu sempre sonhei em poder ter uma formação superior, eu almejava muito, mas, por vezes, esse sonho parecia distante demais, principalmente, quando pessoas próximas a mim me desencorajavam, dizendo que eu não iria conseguir. No entanto, eu continuei acreditando nesse sonho e essas pessoas que conheci no ensino médio me incentivaram muito.

No início do curso técnico, eu estive um pouco desmotivada, porque era um curso técnico novo na escola que eu estudei, então faltavam muitas coisas, inclusive professores da área para poder dar aula. Mas depois tudo se ajustou e eu pude conhecer mais essa área, da qual gosto muito até hoje. A passagem pelo ensino médio desencadeou muitos traumas, porém, ao contrário do ensino fundamental II, agora eu já tinha coragem para conseguir me posicionar e me defender dos ataques, que não foram poucos. No último ano do ensino médio, havia um pequeno grupo com o qual fiz amizade e, geralmente, estávamos sempre juntas em reuniões para estudar, para nos prepararmos para o ENEM, pois queríamos terminar o ensino médio e ingressar na universidade. Foi nesse período que elas me falaram sobre a minha identidade racial, pois eu não me reconhecia como uma pessoa preta, por causa da tonalidade da minha pele e pelo fato de sempre falarem que eu era branca, embora os meus traços sejam bem característicos de uma pessoa preta.

Essa foi a primeira vez que escutei algo diferente sobre o meu pertencimento étnico-racial e, quando passei a falar que era negra, algumas pessoas se incomodavam com isso e criticavam com afirmações negativas. Nessa época, já estava acontecendo uma série de situações

em sala de aula, ofensas, xingamentos, tentativas de agressão física, violência verbal e até objetos atirados em mim. Inicialmente, porque se incomodavam com as minhas amizades e meu desempenho escolar, então começaram a falar da minha aparência para me diminuir, achando que eu ficaria quieta, como havia ficado no ensino fundamental II (algumas pessoas já haviam estudado comigo antes do Ensino Médio), por isso resolveram me atacar e ficaram surpresas, ao me verem me posicionando, então me taxaram de agressiva, grossa, ruim, entre outros adjetivos.

Os episódios de racismo na escola chegaram a um ponto que, certa vez em uma discussão entre eu e outra menina da classe, tudo quase terminou em agressão física. Ficaram todos contra mim porque queriam que eu me calasse enquanto eles me ofendiam e me violentavam de todas as formas. Houve uma situação em que eu tive que me retirar da sala, porque eles estavam me xingando, além de tentarem me prejudicar de modo que eu fosse expulsa da escola. Depois de tudo isso, ainda queria que eu falasse com eles como se nada tivesse acontecido e, como me recusava, passaram a me taxar de mal amada e amargurada. Veja só, além de sofrer violência na escola, ainda queriam que eu aceitasse tudo sem reclamar e ainda vinham me dizer “na sétima série você não era assim, o pessoal te xingava e tu ficava quieta e chorava, agora tá assim, isso tá errado, é muita ousadia da sua parte querer enfrentar a sala toda”.

São tão cruéis e desumanas essas lembranças que nem parecem ser reais. E o pior é saber que muitos fatos assim ocorrem diariamente nas escolas públicas sem nenhuma interferência de quem quer que seja. Devido a esses acontecimentos, fiquei sem falar com praticamente toda a sala, exceto cinco pessoas da turma. Comportamentos desse tipo eram muito frequentes na escola e não havia nenhuma discussão sobre a temática do povo preto nas salas de aulas. Os professores eram despreparados para lidar com situações desse tipo, a ponto de presenciarem atos racistas e, por vezes, não falarem nada e nem tomarem uma atitude.

A escola não promovia nenhum debate sobre as questões étnicas e raciais, só saudava o povo preto no dia da consciência negra, promovendo apenas o desfile da beleza negra, para escolher de modo fútil o garoto e a garota mais bonita. Por atitudes desse tipo, escutei diversas vezes a associação dos meus cabelos crespos com esponja de aço, ao falarem que quando acabava o ‘bombril’ em casa, que eu lavava os pratos com meu cabelo, que meu cabelo era duro, entre outras ofensas, além de me compararem com uma macaca.

Por episódios como esses, que percebo hoje como as escolas públicas no Brasil estão profundamente defasadas e de como necessitam de uma reforma no âmbito educacional, que vise o combate ao racismo e outras práticas de violência. Tais atitudes demonstram a importância de se debater sobre a história do povo preto, sobre a potência que a população preta tem hoje e não apenas em associar toda a história desses povos ao período escravocrata. Sabemos sim da

existência da escravidão, isso não se pode negar, mas é só isso que o povo preto possui? E as histórias dos reinos desse povo em seus territórios, antes de serem retirados à força de lá? E a riqueza diversificada da cultura negra? E a enorme contribuição desses povos para a humanidade em geral? Por que até hoje prevalece a história contada pelo colonizador? Qual é o motivo dessa repetida narrativa? Hoje, mais do que nunca, faz-se necessário evidenciar a inteligência, a beleza e a potência da população preta, fortalecer a sua cultura e a sua arte, visando estimular a conscientização de suas principais características, percepções e qualidades. Trazer para o âmbito educacional um debate mais atual sobre o desenvolvimento do amor próprio e do sentimento coletivo.

1. 1. Das mudanças: “Trazendo comigo o dom de meus antepassados, eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado”⁶.

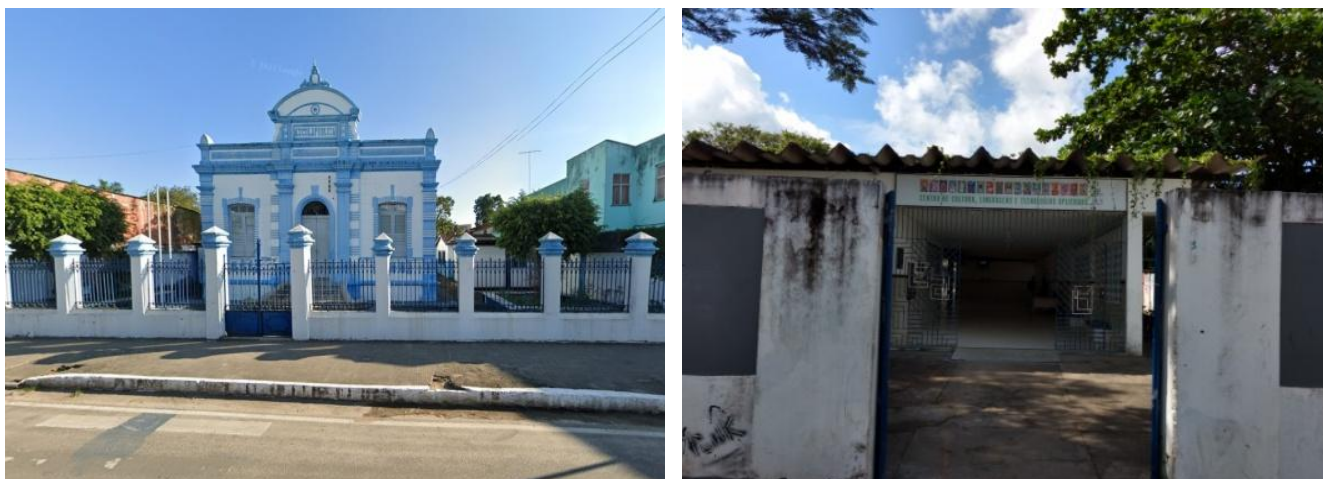
Nessa fase do ensino médio, passei a sonhar mais, a querer mais e então comecei a pensar e a batalhar por uma vaga no ensino superior, fiz o cursinho Universidade Para Todos, em 2013, ano que também concluí meu ensino médio, mas, infelizmente, não consegui a tão sonhada vaga na universidade de imediato. Fiquei mais um ano, arrumei um emprego em um mercadinho de bairro, trabalhava domingos e feriados, folga só uma vez na semana. Nesse período tentei guardar um dinheiro para a minha estadia na universidade, mas infelizmente o que guardei não foi o suficiente. Fiz o Enem novamente em 2014 e fui aprovada.

Ingressei na UFRB no semestre letivo 2015.1 para cursar Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Bicult), tornando assim a primeira da família a ingressar na universidade. Foi um período de muitas lutas para me manter na universidade. As aulas iniciaram em outubro, depois de um longo período de greve, mas, infelizmente, raramente pude frequentar as aulas no primeiro semestre. Devido às minhas condições financeiras, fiquei um período na casa de um tio em Salvador, vinha para as aulas algumas vezes para não perder a vaga. Por causa das minhas ausências nas aulas fui reprovada por falta em todos os componentes do primeiro semestre.

Depois de muita luta, portanto, finalmente consegui um auxílio da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE), me mudei para Santo Amaro e passei a frequentar regularmente as aulas. Alguns meses, após essa conquista, chegaram à terceira turma do Bicult e vieram outras batalhas. O Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Cecult) é o centro mais novo entre todos os campi da UFRB, que ficava situado no antigo Araújo Pinho, próximo ao Teatro Dona Canô, um espaço pequeno e com a chegada de novos

⁶Disponível em: <https://www.geledes.org.br/maya-angelou-ainda-assim-eu-me-levanto/> Acesso em: 08.05.2023

alunos surgiam mais demandas. Iniciamos o terceiro semestre no início de outubro, e alguns alunos começaram a fazer reivindicações, inicialmente por melhorias nas estruturas físicas, equipamentos e contra a PEC 55 que transitava no congresso visando o congelamento de repasses para áreas da saúde e educação por 20 anos.



Imagens do prédio Araújo Pinho e da entrada do colégio Pedro Lago, na mudança de cede do Cecult em Santo Amaro, Bahia.

No decorrer dessas reivindicações, houve um atraso no pagamento dos nossos auxílios, tentamos entrar em contato com os responsáveis para saber o motivo e não obtivemos respostas. Reunimos-nos e decidimos pela ocupação. Ocupamos o Cecult, fomos os primeiros a ocupar o Centro, depois os demais *campi* foram ocupados também, nos organizamos e fomos para Cruz das Almas, onde fica situado o principal *campus* da UFRB, o Centro de Ciências Agrárias e Ambientais (CCAAB), e então descobrimos que não só nossos auxílios haviam sido suspensos, mas de outros alunos quilombolas que estudavam em outros centros. Fomos diversas vezes para o campus de Cruz das Almas reivindicar melhores condições de estudo, até que, no final de outubro de 2016, nossos auxílios foram liberados. Contudo, vale ressaltar que permanecemos ocupando o centro, exigindo melhorias e fomos às ruas protestar contra a PEC 55 que, infelizmente, foi aprovada naquele período de golpe.

Ocupamos o centro por cerca de dois meses, fazendo debates sobre política, sobre a importância de estarmos em uma universidade e sobre a importância de lutarmos ativamente por este espaço. Os dias foram se passando, começamos a ficar cansados, as pessoas começaram a se dissipar e, então, o centro foi entregue ao diretor Danilo Barata, em dezembro. Em janeiro de 2017, às aulas retornaram, desta vez com mais uma sala disponível, finalizamos o semestre em março. Em abril deste mesmo ano, o Cecult passou a funcionar nas instalações do antigo Colégio Pedro Lago, em uma parceria da universidade com o governo municipal.

Parando agora para analisar sobre todo esse processo, fico feliz de ter participado desse momento, pois trouxe mudanças que talvez não viessem tão rápido se tivéssemos continuado na inércia. Estar em ambientes acadêmicos nos torna cada vez mais críticos e passamos a ter consciência da importância de reivindicar nossos direitos. Eu, particularmente, fico muito grata pela minha caminhada até aqui, sinto que evoluí muito, ao mesmo tempo em que entendo que ainda tenho muito a aprender e evoluir. Fico grata também pelo auxílio que consegui na PROPAAE, pois sem ele não poderia permanecer na universidade e finalmente concluir uma graduação. Sabemos da importância de estarmos inseridos em um espaço acadêmico e os horizontes que são possibilitados através dessa conquista. Ingressar em uma universidade e permanecer não é uma tarefa fácil, principalmente para estudantes de classe social popular, negras e mulheres. Colei grau do Bicult e ingressei imediatamente no curso de Tecnologias em Artes do Espetáculo.

Hoje, ao ocupar um espaço, que também por séculos foi negado aos meus, pude encontrar teóricas negras, pude conhecer histórias de outras pessoas que também estão aqui e que, de certo modo, suas histórias de vida têm semelhanças com a minha. Este lugar é a universidade. Fico muito grata por ter conseguido alcançar esse meu objetivo, que para muitos era ambicioso demais, era grande e até impossível para uma pessoa de uma origem como a minha. Nesse ambiente diverso e plural da universidade consegui adquirir mais força para defender os meus posicionamentos e minha identidade. Um espaço de inúmeros intercâmbios, onde obtive também a coragem para aceitar as minhas raízes capilares e ter maior orgulho do meu cabelo crespo. Amo meu cabelo, amo não ter que me preocupar em alisar ele quimicamente, em não ter que ficar horas no salão para dar uma escova.

A mudança para a cidade de Santo Amaro, também foi essencial para a minha valorização identitária, por ser uma cidade majoritariamente negra pude perceber certos hábitos muito comuns, como por exemplo, o uso dos cabelos naturais e o uso de tranças, uma experiência totalmente contrária dos costumes vividos na cidade de Gandu no passado, pois ali mais ao sul da Bahia não víamos com frequência pessoas usando tranças no cabelo, e quando alguém colocava era mal visto e criticado, tendo a sua imagem associada à marginalidade. No entanto, vale destacar que nos últimos anos esses hábitos têm se modificado na região sul. Estar inserida em uma nova realidade de uma cidade do Recôncavo, que possui uma valorização da beleza e da cultura negra, e presenciar no cotidiano essa afirmação identitária, portanto, foi muito importante para a minha autoestima, assim como o espaço acadêmico para o fortalecimento de minha identidade racial.

2. “Meu orgulho te ofende?”: Identidade racial e a questão capilar do negro.

Desde muito pequena, por volta dos meus 9 anos, já fazia alisamento químico no cabelo, no decorrer dos anos, esses tratamentos foram ficando mais agressivos, pois eu tinha que aplicar produtos cada vez mais fortes para baixar a raiz. Certa vez, durante a aplicação de um produto nos cabelos, respingou um pouco próximo ao meu olho, isso causou uma leve ferida e se tivesse caído no meu olho, teria ficado cega. Depois de várias mudanças de produtos para alisamento, comprados em supermercados, percebi que tais produtos perderam o efeito desejado, fazendo-me recorrer a produtos de salão que usei ainda por três anos. Esses alisamentos, tanto o de supermercado quanto o de salão, eram aplicados a cada dois meses e, quando chegava perto da próxima aplicação, o cabelo começava a quebrar. Isso só era amenizado ao aplicar o alisamento.

Depois de muitos anos de cabelos alisados, em 2018, finalmente tomei coragem, e iniciei o meu processo de transição capilar. Não é um processo fácil, é cheio de altos e baixos, afeta muito a nossa autoestima, a ponto de, às vezes, nos dar vontade de desistir da transição. A transição capilar, também é um processo de libertação dos nossos cabelos e de libertação de nós mesmos, que ficamos por anos reféns desses tratamentos e que nada de positivo nos trazem. Não sou contra quem prefere manter os cabelos alisados. A problemática, aqui, é a imposição para manter o alisamento, sendo que o setor de cosméticos fatura milhões enquanto alimenta nossas inseguranças. Enfim, depois de muitos anos de alisamentos, finalmente, aceitei o meu cabelo natural.

A academia foi crucial para a minha tomada de consciência e para deixar de lado anos de tratamento químico e a ideia, que nos impuseram a vida toda, de que o cabelo natural é feio e, portanto, deveria alisá-lo, para ficar bonito, além de passar a imagem de bem cuidado.

O processo de alisamento capilar vem de mãos dadas com o processo de aculturação, que é a retirada da cultura do colonizado para a imposição da cultura do colonizador, pois o que os europeus fizeram, não foi apenas nos impor seu idioma, eles impuseram também o embranquecimento, ainda que não da cor de pele (apesar dos incentivos do casamento inter-racial), mas de nos fazer negar as nossas características físicas e recorrer às do colonizador, para sermos aceitos socialmente. À medida que a população preta vai se conscientizando, essas imposições brancas tendem a perder espaços.

Entretanto, debater a questão racial no Brasil ainda é uma tarefa muito difícil, sobretudo por não haver uma socialização mais ampla sobre a temática. Primeiramente, entendo isso como um projeto político de negação da história negra, como uma forma de apagamento, do tipo “se não falar, deixa de existir”. Em segundo lugar, é preciso notar que a política de incentivo aos casamentos inter-raciais e a disseminação da ideia de uma democracia racial foram fundamentais

para que a população brasileira sofresse um processo de negação da identidade negra, ou seja, em um processo em que muitos se recusam a se autodeclarar negros.

Autora do livro, “*A identidade da mulher negra através do cabelo*”, Eliane Paula de Carvalho (2015)⁷ apresenta uma análise sobre o significado do cabelo afro na construção da identidade das mulheres negras no Brasil. Sua obra é uma importante contribuição para a discussão sobre a representação da mulher negra na sociedade brasileira e a luta contra o racismo. A autora aborda as diferentes formas de estigmatização e opressão que as mulheres negras enfrentam em relação ao cabelo afro, que muitas vezes é desprezado e considerado "indomável" ou "ruim". Ela afirma ainda que a definição de negro no Brasil se torna um empecilho para muitos, pois se entende historicamente que o negro é inferiorizado e essa teoria tende a ser reforçada numa sociedade estruturalmente racista. Uma sociedade que constrói hierarquias entre as populações que causam exclusões e que induzem a negação de direitos básicos aos cidadãos de pele negra.

Se o outro tem acesso a tudo o que a sociedade pode oferecer, isso facilitado pela cor de pele e sua identidade branca, então porque se definir como negro (a) se isso irá trazer prejuízo e dificultar o acesso às pessoas que não se encaixam nesse padrão identitário? (CARVALHO, 2015, p.9)

Identificar-se como preto, de certo modo, requer muita coragem, pois ser preto em um país tradicionalmente racista e escravocrata, que se construiu com a exploração e o genocídio das minorias, é muito difícil. Ainda conforme a constatação de Carvalho (2015), se reconhecer como pertencente a uma etnia branca é motivo de muitas oportunidades e liberdades para acesso a diversos lugares. Se isso traz facilidades ao cotidiano, por que alguém iria sentir-se à vontade para se definir como pertencente a uma etnia negra, que ao longo dos séculos sempre teve suas imagens, história e cultura associadas a algo ruim e, portanto, inferior. A partir daí, é possível percebemos uma das muitas dificuldades em se autodeclarar negro, na medida em que muitos que não se encaixam numa identidade branca, mas que não possuem uma pele retinta e preferem se autodeclarar pardos, como forma de serem mais bem aceitos socialmente.

Autodeclarar-se preto em uma sociedade racista é uma forma de resistência, pois, historicamente, o preto ainda continua sendo muito discriminado, como um ser que não está apto para viver em sociedade e que aonde chegar será julgado primeiro pela sua aparência. Então, muitas pessoas recusam-se em se reconhecer como negras, devido a esses fatores sociais e históricos. Todavia, ainda que esses indivíduos tidos como pardos se recusem a se perceber como negros, a sociedade designa para eles os mesmos espaços que são designados para os pretos e,

⁷Eliane Paula de Carvalho é uma escritora e pesquisadora brasileira, especializada em estudos de gênero e raça.

embora o seu tom de pele os torne mais aceitáveis para o convívio social, ainda assim são constantemente discriminados. Sendo assim, aquele cuja cor de pele é mais clara, porém tem traços negroides acentuados, são colocados no mesmo lugar de inferioridade que aquele que é preto e autodeclarado. A autodeclaração é um ato político e social, pois os indivíduos que se afirmam como pretos já possuem certa consciência racial e conseguem, ao seu modo, lutar contra uma realidade ainda muito racista.

Esse processo de autodeclaração inclui não apenas aceitar a cor da sua pele, mas também suas características físicas, tendo a questão capilar como um dos pilares dessa retomada da consciência racial. Pensar a questão capilar é pensar também que esse cabelo é um símbolo de resistência político identitária, como forma de enfrentamento ao racismo e aos ideais eurocêntricos que, por séculos, impuseram aos colonizados seus padrões de beleza, influenciando significativamente no processo de alisamentos dos fios, para melhor se adequar aos padrões predeterminados. Hoje podemos escolher entre alisar, deixar os cabelos naturais, fazer cortes diversos, ou simplesmente optar por estilo mais radical, como “usar” um estilo careca, raspando completamente a cabeleira, é isso que chamamos de liberdade capilar.

O cuidado com os cabelos é uma questão muito particular de cada indivíduo, que impacta de modo significativo na autoestima das pessoas, principalmente das mulheres, que tem sua beleza e feminilidade atrelada aos fios e aos cuidados destes. Nesse quesito, o trato do cabelo da população preta chama a atenção, pois não se trata apenas de deixar os cabelos crescerem naturalmente. É um processo íntimo de busca e de encontro de si mesmo, visto que é uma transformação que se inicia de dentro para fora e que, muitas vezes, causa certos conflitos internos. Afinal de contas, o cabelo não pode ser considerado apenas um símbolo de estética, mas também um símbolo de luta e de resistência no combate a práticas racistas e opressoras, que insistem em querer estabelecer padrões estéticos voltados para uma cultura colonizadora, afetando especialmente a mulher preta.

A mulher preta detém uma relação muito íntima com seu cabelo. Escutamos desde muito cedo que a beleza da mulher está no cabelo, mas quando se refere à mulher negra, essa afirmação vem com uma mensagem que revela o processo de branqueamento, pois para a mulher negra ser considerada bonita, deve estar com os cabelos tratados quimicamente. É interessante pensar sobre a questão capilar da mulher negra e sua relação, pois ao atentarmos para a história observamos muitas situações de conflitos, tanto externos quanto internos, do povo negro com sua estética. Todo este conflito adveio do processo de colonização, no qual os europeus com seu ideal de beleza criaram estereótipos que inferiorizavam os negros enquanto valorizavam os brancos. Esses estereótipos ocasionaram uma visão deturpada do modo que os negros se veem e

os levou a tentativa de querer se parecer com o branco europeu, pois assim se sentiriam pertencentes de algum modo. De acordo com Carvalho:

A população negra não consegue estabelecer padrões de representações da sua própria cultura, sendo induzida a permanecer na negativa da sua cultura ou ainda, buscando referenciais de cultura do branco, que é a etnia dominante no jogo das relações étnico-raciais, o que ocasiona uma perda da identidade negra. (CARVALHO, 2015, p.6)

Ao investigar as origens desses estereótipos e preconceitos, Carvalho (2015) expõe como a questão do cabelo é uma expressão do racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Ela também apresenta exemplos de mulheres negras que lutaram contra a discriminação ao cabelo afro e encontraram formas de se afirmar e valorizar sua identidade. Por meio de entrevistas e relatos pessoais, a autora revela como as mulheres negras constroem suas identidades a partir de suas escolhas em relação ao cabelo. Seu trabalho destaca a importância de se respeitar a individualidade e a diversidade das mulheres negras, permitindo que cada uma possa se expressar de forma autêntica e livre de preconceitos. Trata-se, portanto, de uma importante pesquisa que contribui para a valorização da diversidade e para a promoção da igualdade entre todos os indivíduos, ao propor uma reflexão necessária sobre o papel do cabelo afro na construção da identidade das mulheres negras e, por conseguinte, sobre a própria luta contra o racismo no Brasil.

A ausência de uma identidade própria é um fator determinante para a dominação de uma nação por outra, de modo que a perda da identidade deixa os indivíduos vulneráveis e desorientados, fazendo com que os mesmos busquem incessantemente por uma identificação de outra cultura que os valide. É assim que os colonizadores se aproveitam para inculcar seus preceitos, à medida que desvalorizam os preceitos pertencentes a outros grupos sociais, disseminam suas ideias, constroem uma hegemonia como um ideal a ser alcançado por todos.

Se a população negra escuta, diariamente, que sua cultura é inferior, que seus traços físicos são feios, que seus cabelos são ruins, enquanto vê uma exaltação exagerada da cultura e dos padrões de beleza dos europeus, sejam em revistas, jornais, rádios, televisão, sejam em outros meios de comunicação, é compreensível que muitos rejeitem suas próprias histórias, negando de certo modo a si mesmos, pois ninguém irá querer ter a sua imagem associada a algo descrito como ruim. E embora, o povo preto atualmente esteja cada vez mais atento às questões raciais, reivindicando os seus direitos em assumir suas características e ter a liberdade para isso, infelizmente, ainda vemos pessoas pretas recorrerem a procedimentos estéticos para modificar alguns traços físicos, que não os consideram atraentes. Apesar de ser uma escolha pessoal, não

concordo com essas práticas, no entanto, entendo o porquê de muitos optarem por esses métodos invasivos.

Essa decisão de mudar algo no próprio corpo por meio de cirurgias torna alvo de muitas críticas e questionamentos por parte dos brancos, que não compreendem os motivos que levaram essas pessoas a buscarem tais intervenções. Afirmam, por vezes, que os discursos de aceitação que o povo preto prega é vago, pois na concepção dos brancos, os negros não estão colocando em prática o que pregam, tornando assim os discursos e as práticas divergentes entre si. É muito difícil para a branquitude se fazer entender e despertar para a conscientização, percebendo o quanto é cansativo ter que lidar diariamente com comportamentos e comentários racistas que afetam nosso psicológico e nos colocam para baixo. Isso faz com que tenhamos uma visão distorcida de nós mesmos. Ainda há a mídia alimentando essa conduta e mesmo quando os indivíduos negros tentam se fortalecer e ao mesmo tempo fortalecerem os seus, há uma quantidade expressiva de pessoas tentando lhes puxar para baixo, fazendo-lhes acreditar que não são bons o bastante.

Cotidianamente, a imagem do negro é colocada em lugares de subserviência. A mídia é controlada por brancos capitalistas que definem o que vai ser transmitido para o grande público. Sendo assim, a sociedade tende a associar a imagem do branco como um ser extremamente benquisto, favorecendo seus traços, sua história e classe social, entre outros, enquanto usam a imagem do negro para associá-la a algo ruim e sem valor. Nesse sentido, o preto, que já tem sua autoestima abalada por séculos e que vê todos os dias as mídias sociais o colocando nesse lugar de profunda pequenez, tende a se enxergar como tal. Como resultado, essas pessoas buscam alternativas para fugir dessa condição, optando por negar suas raízes históricas, levando a uma rejeição por vezes entre eles próprios.

Ainda sobre este tema, Nilma Lino Gomes (2020)⁸ afirma que o racismo tende a criar no imaginário dos indivíduos a ideia de existência de uma superioridade dos brancos em relação aos negros, criando assim uma espécie de hierarquização dos mesmos. Esse sistema de crenças pré-concebidas afetam intrinsecamente a pessoa preta e todo o seu grupo étnico-racial, tendendo a uma desvalorização de si mesma, por enxergar a sua raça de forma negativa. Para Gomes (2020), esse sistema racista atinge os pretos não apenas econômica e socialmente, mas especialmente o lado psíquico, definindo as relações afetivas e sexuais dessas pessoas, que tendem a buscar relacionamentos com pessoas brancas, no intuito, por vezes, de adquirirem uma identidade.

Em seu livro "*Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*", essa mesma autora aborda a relação entre a autoimagem e a identidade de pessoas negras,

⁸Nilma Lino Gomes é uma pesquisadora e escritora brasileira, reconhecida por seu trabalho na área de educação e das questões raciais.

destacando a importância do cabelo como um elemento central dessa identidade. Gomes (2020) argumenta que o cabelo é um símbolo poderoso da identidade e da história negra, e que a sua valorização é fundamental para que a imagem dos negros seja fortalecida e representada de forma positiva na sociedade. Ela discute as formas de discriminação e exclusão que muitos negros enfrentam por causa de seus cabelos e apresenta exemplos de como a questão pode ser abordada de forma positiva e construtiva. Sua análise demonstra a relevância do cabelo como um elemento central da identidade e da autoestima, por meio de uma reflexão importante sobre a representação e a valorização da cultura negra no Brasil. Em sua escrita engajada e análise cuidadosa, Gomes (2020) acrescenta uma valiosa contribuição para o debate sobre a diversidade e a igualdade racial no país.

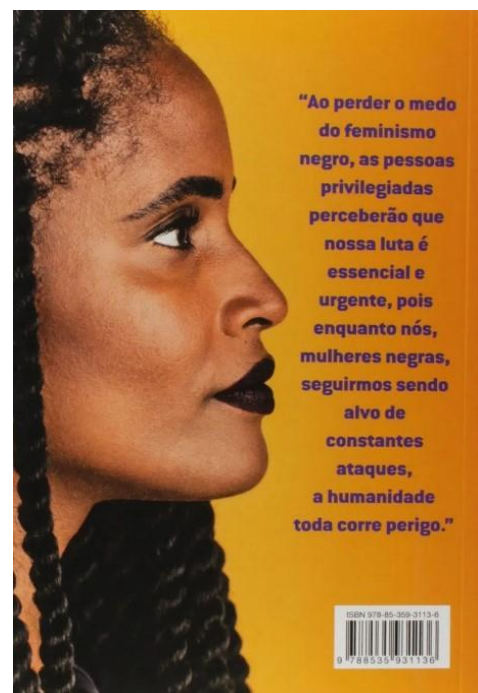
Os relacionamentos entre pessoas de etnias diferentes são bastante comuns em nossa sociedade, em parte porque foram muito incentivados pelas autoridades no século passado com o intuito de "salvar" o Brasil do crescimento da população negra no país. No entanto, essa questão nunca foi debatida na sociedade, fortalecendo assim a ideia de uma democracia racial em um país que foi construído pelo extermínio do povo preto e dos indígenas. Ângela Figueiredo (2017), por sua vez, confirma que sempre houve uma preocupação por parte dos estudiosos da época que defendiam tal política, pois os sujeitos de etnias diferentes estavam se relacionando e assim gerando descendentes, então esses estudiosos passaram a temer o futuro do país, acreditando que a mistura dessas raças traria malefícios futuramente, então nutriram e defenderam a teoria de embranquecimento, pois em sua concepção um processo contínuo de mestiçagem levaria a uma completa extinção do povo preto.

A união dessas pessoas possibilitou o nascimento de descendentes, e por sua vez o surgimento de um grande número de pessoas vistas como pardas, muitos destes que não se reconhecem ou se recusam a serem reconhecidos como pessoas pretas, gerando por vezes conflitos na sua identidade. Muitos desses comportamentos conflituosos são reforçados em grande parte pela mídia, por amigos, por familiares e pela sociedade como um todo. Essa rejeição de si vem, muitas vezes, dos comentários negativos sobre os traços físicos desses indivíduos. Por exemplo, uma pessoa autodeclarada parda que possui cabelo crespo sofre discriminação pela textura do seu cabelo, embora a sociedade não a reconheça como preta, ela passa por situações constrangedoras e racistas, que vão minando a sua autoestima.

O cabelo crespo é uma das primeiras características apontada e ridicularizada, motivo de chacota e comparações com palha de aço, vassoura e tantos outros adjetivos pejorativos. Só quem possui cabelo crespo ouve no cotidiano tais ofensas. Esses hábitos prejudiciais, advindos da branquitude, perduram por muitos séculos sob as demais pessoas. As principais afetadas por

essa conduta são as pessoas pretas, que às vezes recorrem a diversos procedimentos para tentarem se encaixar nos padrões determinados pela branquitude.

Para Gomes (2020), a textura capilar está intrinsecamente ligada à questão corporal do sujeito, é um símbolo identitário de sua etnia, uma construção cultural, que demarca o seu espaço de pertencimento. Para a população preta, o cabelo compõe as características do indivíduo negro, definindo assim a sua negritude. Ainda segundo a autora, o trato com o cabelo é processo complexo de formação dessa identidade negra. O cabelo crespo, não está ligado apenas a uma questão estética, é também uma questão de resistência, de enfrentamento ao racismo e a violência.



Imagens de publicações e autoras e de suas obras referenciais

3. “Ouros escondidos em mim”: Apresentação e descrição do projeto artístico.

As exposições surgiram há muitos séculos e, segundo Franco (2018), elas estão intimamente ligados ao ato de colecionar, que iniciou na idade média, a partir de pertences valiosos tanto da igreja quanto dos senhores feudais. A prática demonstrava riqueza, poder e muito conhecimento e se popularizou séculos depois, chegando ao ápice no século XV, quando as famílias aristocráticas europeias colecionavam muitas obras, bens materiais e imateriais, gerando uma disputa entre si, a ponto de muitos construírem espaços específicos para guardar essas relíquias. No século XVII, o colecionismo se popularizou entre as classes altas da Europa e muitos detentores de grandes acervos passaram a abrir os espaços para a visita, por meio de divulgação de catálogos. A partir dessa prática de abrir os espaços para visita surgiram os museus públicos, criados pelo estado, e receberam muitas coleções.

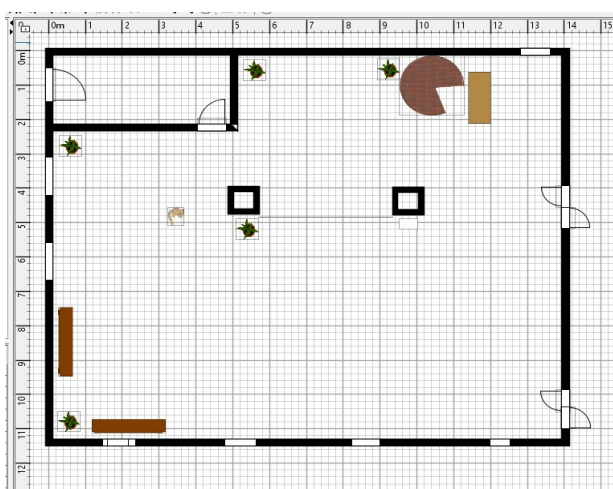
A ideia deste trabalho surgiu há uns dois anos, logo quando terminei meu Bacharelado em Cultura e ingressei no curso de Tecnologias em Artes do Espetáculo, sabendo que teria que desenvolver uma obra/projeto artístico, me veio um interesse em abordar algo relacionado as minhas vivências. Inicialmente, tive como objeto de trabalho o cacau, pois como já compartilhei acima, venho de um local onde o cacau foi por muito tempo o principal produto econômico da região, portanto tive como propósito a realização de uma exposição cenográfica de uma obra literária que abordasse sobre o tema, sendo assim, escolhi o livro *Terras do sem fim* (1943) de Jorge Amado (1912-2001), por ser uma grande referência do movimento regionalista e estar inserido no contexto da região cacaueira. Pretendia montar uma exposição sobre esse livro, demonstrando o contexto histórico da época, ambientado no século XX, período das grandes produções de cacau, o que colocou a cidade de Ilhéus em nível mundial como a maior produtora e exportadora da matéria prima para a produção de chocolate. Além do mais, este fruto foi um dos grandes motivos para muitas disputas e conflitos que culminaram em muitas mortes no sul da Bahia.



Imagens da planta e do fruto do cacau.

Essa primeira ideia foi desenvolvida nos componentes de Projetos de Figurino, Iluminação, Cenografia e o de Projeto Integrado. Este último era a junção de tudo o que foi produzido nos outros componentes, no entanto, no semestre seguinte essas ideias foram amadurecendo e se modificando, e então nos componentes de Laboratório Integrado e Laboratório de Criação, juntamente com as orientações dos professores a proposta adquiriu um caráter pessoal, chegando assim ao tema atual. A partir desse momento, começamos a produzir o caderno de artista, contendo escrita das memórias, fotografias minhas, de meus familiares, dos territórios que morei, fotografias de pontos das cidades (Gandu e Santo Amaro), e iniciamos a criação de uma maquete de estudo da prévia de um espaço, local onde inicialmente pretendia montar minha exposição, que seria no Museu do Humildes.

Em meados do semestre letivo, começamos a realizar as visitas, conversar com os funcionários do local e tentar a entrar em contato com os responsáveis pelo museu, além de informações sobre o espaço, sobre o que podia mexer no espaço (o museu é um espaço religioso, nesse sentido, tem uma série de regras, além de não poder interferir no espaço, de modo que cause algum dano físico no mesmo), observando ainda a estrutura de eletricidade, pois, percebemos que o local não dispõe de tomadas para ligar equipamentos, sendo necessário o uso de extensões. O semestre posterior foi realizado juntamente com o orientador a medição do espaço. Fizemos uma maquete no programa Sweet Home 3D, para ter uma melhor visualização de como ficaria o local e as montagens, o trajeto que seria feito pelo público durante a exposição, como ocorreria a montagem desta exposição e onde seria montado cada ambientação.

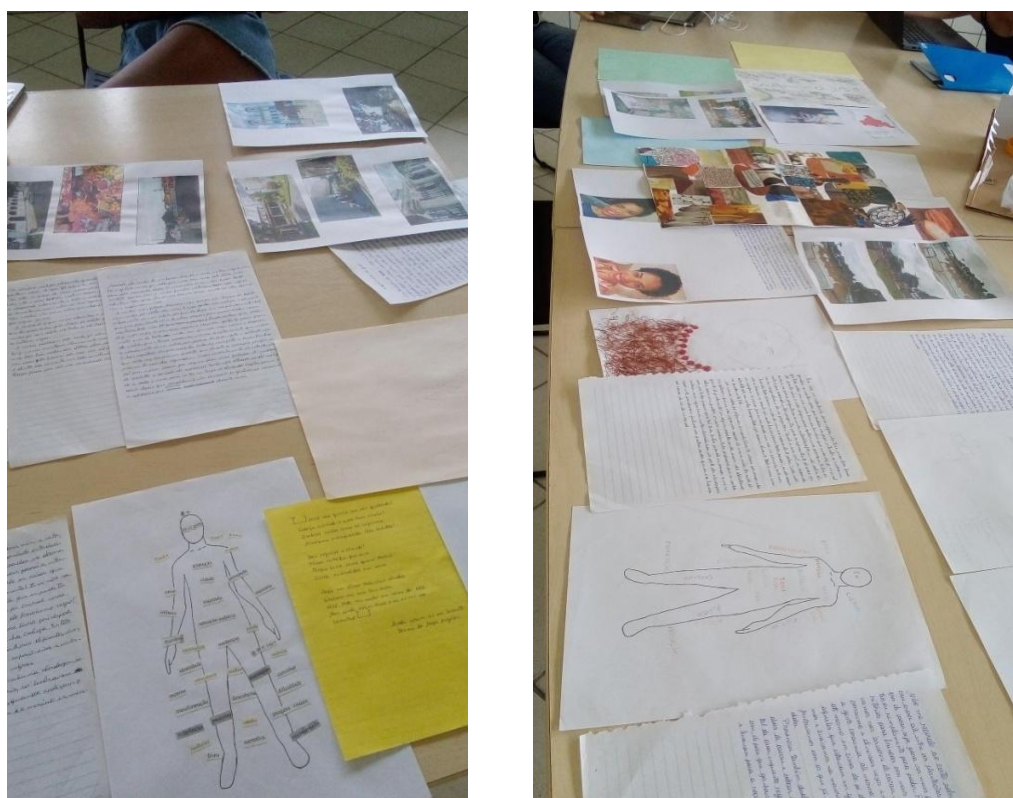


Maquete desenvolvida no programa Sweet Home 3D do espaço no Museu dos Humildes

Depois começamos a trabalhar a ideia de realizar a exposição em outro espaço, ou seja, na própria universidade, se caso o museu não fosse liberado, e assim fizemos o mesmo trabalho de medição de toda a área, e montamos uma maquete no Sweet Home 3D. Entramos em contato

com os responsáveis pelo Museu dos Humildes que nos informaram que não seria possível a realização do trabalho expositivo no local solicitado, devido à existência de outra exposição prevista para o mesmo dia.

Diante disso, solicitamos o espaço da universidade, com aprovação imediata, entramos em contato com os servidores da instituição na tentativa de angariar materiais disponíveis que foram usados em outros eventos, mas que estavam em perfeito estado para serem reutilizados, e que pudessem ser emprestados, como cavaletes, tecidos e outros materiais, e depois seriam todos devolvidos, entretanto, dos poucos materiais que vimos não serviram para o uso, pois não era bem o material procurávamos para colocar na exposição.



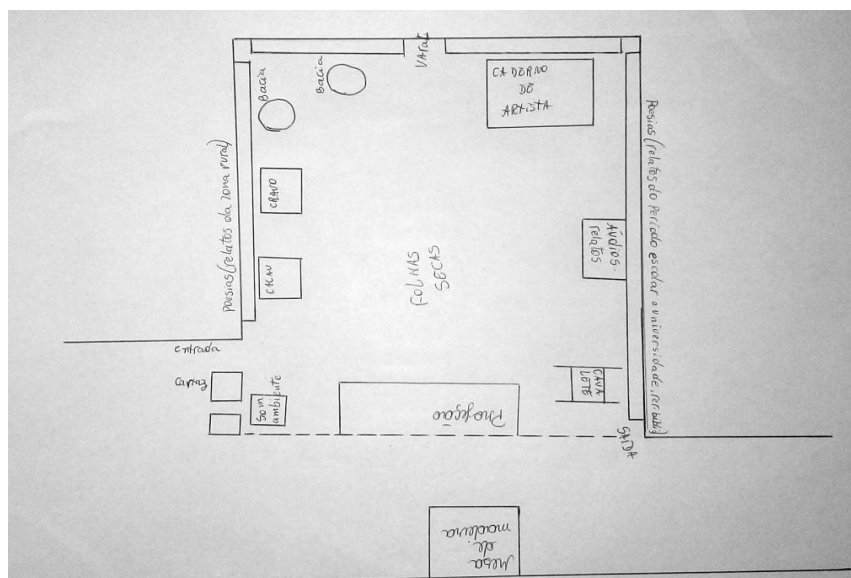
Fotografias da produção do caderno de artista de Maria de Jesus

Outra questão que gerou algumas modificações no transcorrer deste trabalho, foi sobre a escolha do título proposto, acredito que cabe aqui uma breve explicação. “Corpo negro em trânsito”, esse trecho foi pensando nesse corpo negro na sociedade, o lugar que ele ocupa com as marcas, cicatrizes e traumas que esse corpo carrega, enquanto transita pelos diversos espaços. Foi pensando também em uma questão identitária que, por fim, definimos o título: “Memórias de um corpo negro em trânsito”, com um subtítulo que remete a esse processo de mudanças de território, mudanças físicas e convicções pessoais.



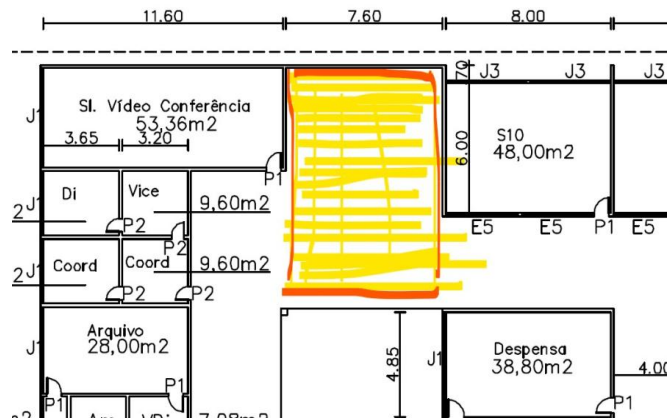
Imagem da maquete de estudo feita por Maria de Jesus.

O projeto expositivo terá um percurso a ser realizado pelo público e, logo na entrada, haverá um quadro com o título e um breve resumo da obra artística. Nas paredes da direita e da esquerda do espaço, terão pequenos relatos em formato de poesia. Próximo a entrada haverá uma caixa de som com sons da natureza/ambiente, e ao adentrar no espaço terá amêndoas de cacau e cravo dispostos no chão como se estivesse “secando ao sol”, como era comum no meu seio familiar, logo em seguida, duas bacias de alumínio, uma com água e outra com roupa, pois era muito utilizado para a realização de afazeres domésticos, na porta do fundo terá um varal, seguindo o percurso haverá o caderno de artista, que disporá de fotografias e relatos pessoais, logo depois uma caixa de som, com gravação de alguns áudios para que as pessoas possam ouvir com o fone de ouvido, e um cavalete para que os visitantes possam também contribuir ativamente da exposição, podendo fazer relatos sobre suas próprias memórias. Haverá várias folhas de árvores secas espalhadas pelo chão, tornando essencial que todo o percurso seja feito descalço, para que o público possa se deixar levar pelas sensações do ambiente.

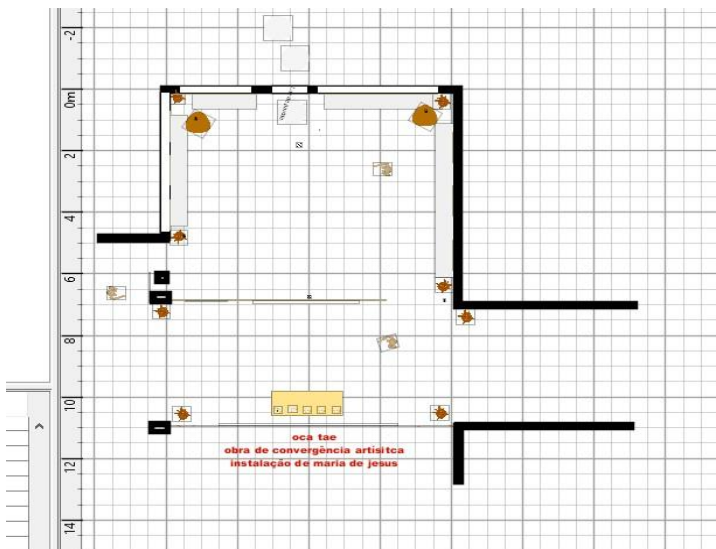


Esboço preliminar da instalação artística no espaço no Cecult.

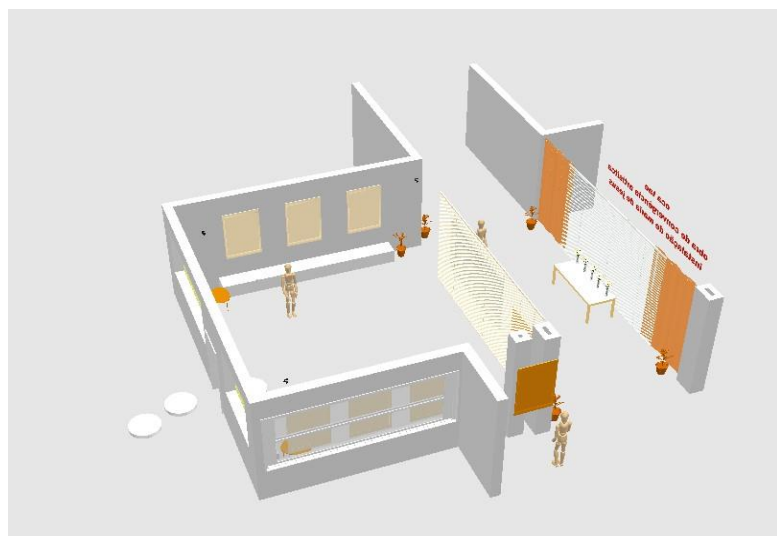
Para a montagem deste trabalho, pretende-se utilizar os seguintes materiais: uma mesa de madeira, duas bacias de alumínio, entre seis e oito vasos de plantas, dois cavaletes, três almofadas grandes, duas caixas de som, uma toalha de mesa de renda, uma cesta de frutas, um projetor, um fone de ouvido, alguns tecidos como chita, malha branca, junco e algodão cru, quatro refletores, seis lâmpadas coloridas, extensões elétricas, um balde de alumínio.

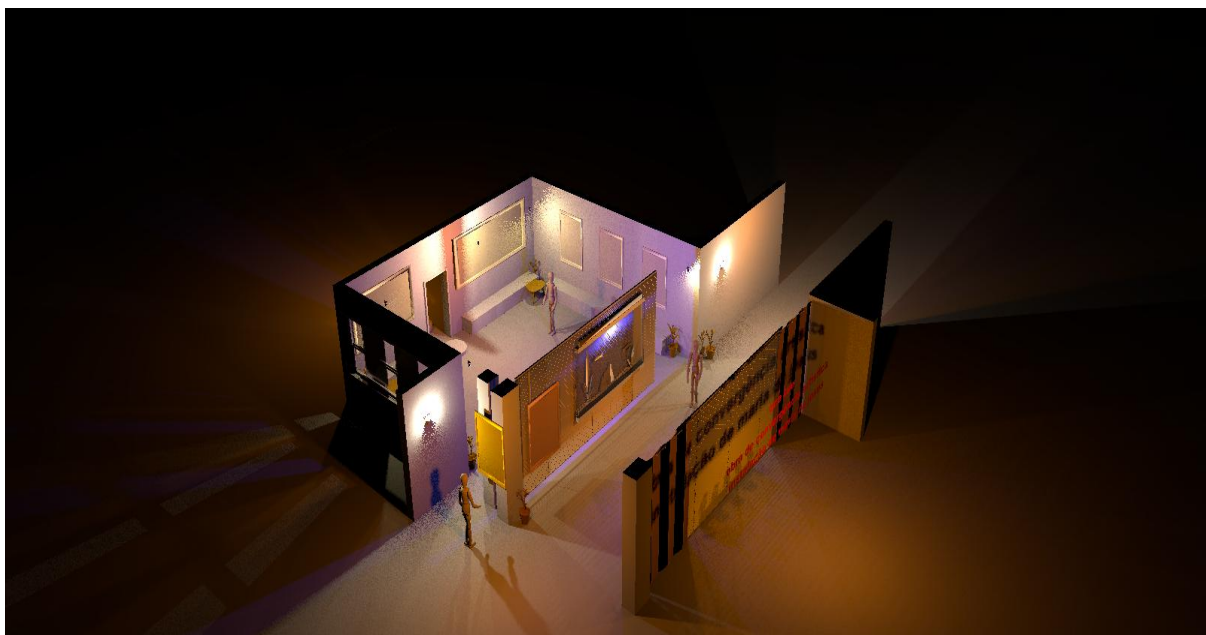


Planta baixa do espaço no Cecult.

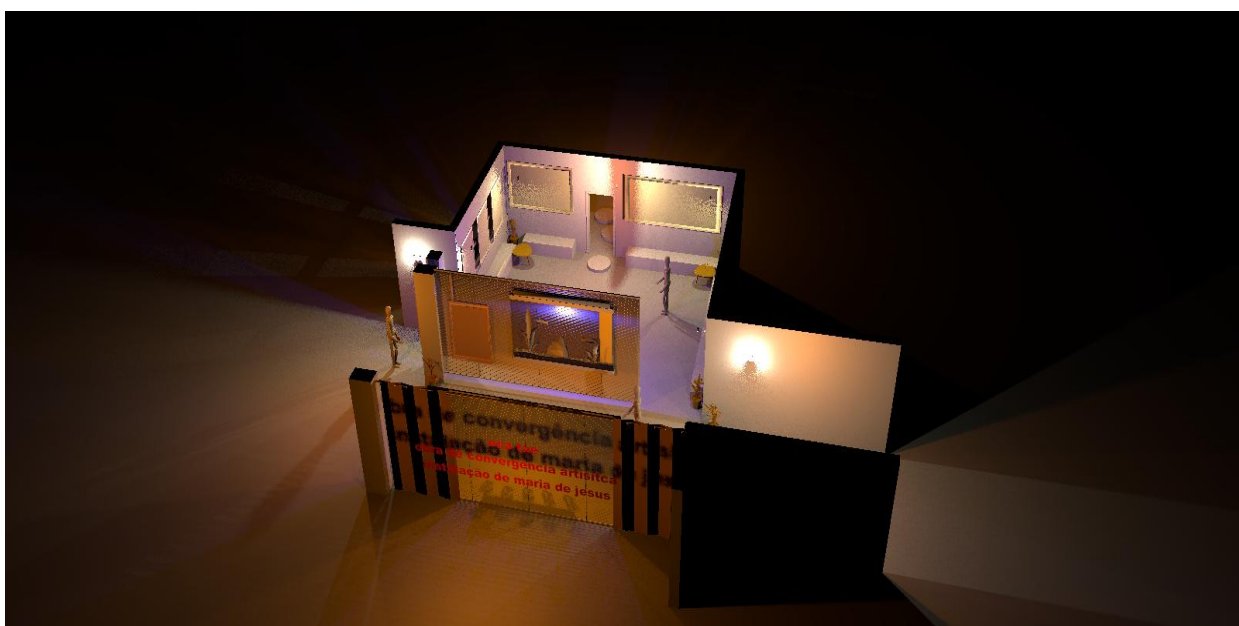


Maquete desenvolvida no programa Sweet Home 3D do espaço no Cecult.





Maquete desenvolvida no programa Sweet Home 3D do espaço no Cecult com efeito de iluminação.



No manual, *“Exposição: materiais e técnicas de montagem”*, de Clara Correia D’Alambert e Marina Garrido Monteiro (1990), uma exposição pode ultrapassar o seu sentido de arranjo de objetos, agrupados de forma simples e compreensível visualmente, ao permitir que o público visitante vivencie novas experiências intelectuais, sensitivas e emocionais. Uma instalação artística, portanto, pode ser também um meio de difusão cultural e artística, na medida em que ao visitante também possa se situar no espaço e na temática ali apresentada.

Fotografias de Maria do espaço onde será realizada a instalação artística no Cecult.



Reflexões sobre o fechamento de um ciclo

“O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos.
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso”. [...] (Conceição Evaristo)

Estudar as conceituações sobre memória é acolher a história da humanidade, de um passado desumano, mas que jamais deverá ser apagado, porque nos faz compreender o presente e resguardar as gerações futuras. Recordar não é apenas preciso, mas, sobretudo, necessário. E ainda que na atualidade haja muitas pessoas que tratam a história do nosso país como algo que deveria ficar no passado, há tantas outras que divergem desse posicionamento, por entender que apagar os acontecimentos históricos é o mesmo que silenciar o oprimido mais uma vez. O silêncio para o opressor é muito vantajoso, pois permite que ele continue praticando suas atrocidades e que elas permaneçam escondidas e abafadas. Permite que ele continue perpetuando injustiças e fique impune em sua covardia, ações iniciadas ainda no período escravocrata da história do Brasil, mas presentes até os dias de hoje, com a população preta sofrendo e vivendo às margens da sociedade.

A temática deste trabalho procura entender as contribuições da vivência universitária para a minha formação e autoafirmação identitária, que foi imprescindível para que eu pudesse confirmar o papel formador do ambiente acadêmico. Nessa minha retrospectiva pessoal, foi possível perceber o saldo positivo da universidade pública na sociedade, principalmente nos indivíduos marginalizados que não conhecem a potência histórica dos seus antepassados. Em muitos casos, os jovens pretos não acreditam que podem ou que conseguem ter acesso a uma universidade pública, sobretudo por serem muitas vezes levados a acreditar que a academia não é para eles. Nesse sentido, eu mesma pude confirmar que a universidade é um espaço aberto para todos e todas, mesmo encontrando alguns entraves no seu acesso e na sua permanência. Portanto, é fundamental divulgar e fazer com que as pessoas de fato saibam que a formação universitária não deve ser um privilégio apenas de pessoas brancas e abastadas, sendo a UFRB uma prova viva disso, com seu alto percentual de discentes pretos e pardos.

No desenvolvimento desta obra artística pude constatar que a universidade tem uma importante missão para a coletividade, assim como tirar o “cisco dos nossos olhos”, fazendo com que possamos enxergar melhor a realidade tal qual ela é. Ao desenvolvermos um senso crítico mais apurado perante a sociedade, isso pode contribuir definitivamente para que não sejamos mais enganados por discursos fúteis e distorcidos do sistema capitalista neoliberal e das amarras ainda insistentes do colonialismo e do neocolonialismo. Quando uma mulher preta ingressa no

ensino superior, além de ter que lidar com dificuldades de toda ordem, precisa estar atenta e forte para conseguir vencer todos os desafios na conquista desse espaço.

Um dos principais fatores que levam muitos a desistirem de continuar o ensino superior, diz respeito às questões financeiras de cada indivíduo, pois uma grande parcela dos discentes nas universidades públicas e, em particular, da UFRB, são oriundos de classes sociais economicamente mais baixas, tentando se manter e permanecer na academia através auxílios que são ofertados a esses estudantes em situação de vulnerabilidade.

Durante muito tempo, o meio acadêmico se caracterizou como um ambiente bastante elitizado, com um público composto majoritariamente por pessoas brancas. Estar inserida neste lugar como uma mulher preta e proveniente da região no sul da Bahia, hoje, me faz refletir muito sobre as contribuições daquelas mulheres pretas que vieram antes de mim, que resistiram e que lutaram para que diversas mulheres, assim como eu, pudessem usufruir de todo esse intercâmbio acadêmico da universidade. A oportunidade de ter contato com todas essas teóricas e artistas negras na academia foi extremamente importante, tanto para a minha jornada, quanto para o processo de inclusão e de conscientização do povo preto no ambiente universitário. Para finalizar, trago a voz de Conceição Evaristo, ela mesma, uma dessas mulheres que resistiram e lutaram no espaço acadêmico:

[...] Sou eternamente náufraga,
mas os fundos dos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas”.
(Conceição Evaristo)

Referências bibliográficas

ANGELOU, Maya. Ainda assim eu me levanto. In: **Portal Geledes**. 22 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.geledes.org.br/maya-angelou-ainda-assim-eu-me-levanto/>. Acesso em 08 maio 2023.

CARVALHO, Eliane Paula de. **A identidade da mulher negra através do cabelo**. Monografia. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2015. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/55903>. Acesso em 20 Abr. 2023.

D'ALAMBERT, Clara Correia; MONTEIRO, Marina Garrido. **Exposição: materiais e técnicas de montagem**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017

FIGUEIREDO, Ângela. Descolonização do conhecimento no século XXI. in: SANTIAGO, Ana Rita [et. al] (orgs.) **Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2017.

FRANCO, Maria Ignez Mantovani. **Planejamento e Realização de Exposições**. Vol. 3. Brasília, DF: Ibram, 2018. (Coleção Cadernos Museológicos, 3) Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000266180>. Acesso em 20 Abr 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3º edição. 1º reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**, Berlim, tradução: Jess Oliveira, 2019

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.